

**Intervenção de Mário Nogueira, Secretário-Geral da FENPROF, no 12.º
Congresso dos Professores da Madeira**

“Sonha e serás livre de espírito.

Luta e serás livre na vida”

Ernesto “Che” Guevara

É a ética que nos obriga a lutar!

Colegas, Amigos e Camaradas,

Neste vosso 12.º Congresso centrado na questão ética, houve uma palavra que, por ter marcado presença em todas as sessões, fará parte das suas palavras-chave: lutar!

Qual terá sido a razão? Terá havido alguma indução nesse sentido, pelo facto de a única frase que a vossa Moção de Orientação escreve em maiúsculas ser “VALE A PENA LUTAR”? Não creio!

Acredito mais no que terá pensado Rómulo de Carvalho quando António Gedeão escreveu que o sonho comanda a vida. Rómulo de Carvalho terá dito o que no negro período fascista podia ser dito, mas estou certo que o democrata terá pensado que, tal como o sonho, a luta comanda a vida e que sempre que um homem luta o mundo pula e avança.

A luta está no nosso quotidiano e foi ela que permitiu o 25 de abril, ou a criação do SPM e da FENPROF. Foi a luta que permitiu que os professores tivessem conseguido um Estatuto de Carreira próprio e que todos nós tenhamos adquirido direitos sociais muito importantes, como ao emprego com direitos, um serviço nacional de saúde, uma segurança social pública e universal e uma escola pública de qualidade.

A luta criou condições para que em outubro de 2015 a direita tivesse perdido a maioria parlamentar e se criassem condições políticas favoráveis à resolução de problemas diversos.

A luta foi determinante para resultados positivos como os que obtivemos no primeiro ano desta legislatura: o fim da PACC, das BCE, da requalificação, do exame Cambridge ou a reposição do valor integral dos salários.

A ética foi o tema central deste vosso Congresso. Ainda bem, porque, na verdade, a ética comanda a luta!

É que a ética obriga-nos a garantir as melhores condições possíveis para o exercício da nossa profissão e para as aprendizagens dos alunos. Há que lutar por elas!

A ética obriga-nos a exigir uma escola que forme para a cidadania. Há que lutar por outros currículos e lutar pelo acesso de todos a tais direitos.

A ética obriga-nos a garantir (Carvalho da Silva disse ser esse o primeiro compromisso ético e deontológico dos docentes) a universalidade do direito à Educação e ao Ensino. Há que lutar pela universalidade desse direito e, principalmente, lutar pelo acesso a uma Educação e um ensino de qualidade para todos e lutar pelo direito de todos ao sucesso.

A ética obriga-nos a pugnar pela dignificação da profissão e pelo seu reconhecimento social. Há que lutar por estabilidade; por carreiras valorizadas; por boas condições de trabalho; por medidas que combatam a indisciplina e a violência em espaço escolar...

Em suma, porque a ética nos obriga a lutar e sabemos que a luta é muito mais forte quando nos unimos, concluímos, naturalmente, que os Sindicatos são organizações imprescindíveis para todos os trabalhadores, logo, para os professores.

Como se disse neste Congresso, os Sindicatos não têm o exclusivo da representação e da movimentação social; devem interagir com outras organizações sociais... mas não nos iludamos, os sindicatos são insubstituíveis porque são transversais nos objetivos que definem e nas causas que abraçam, solidários na ação que desenvolvem e resilientes (e isso o SPM bem sabe, a ponto de ter escolhido a cor que escolheu para o **S** do seu novo logótipo). Estamos quando é preciso e, não raras vezes, é preciso cá estarmos cá quando outros já desistiram ou já se resignaram. E é por estarmos sempre cá, que o capital eleger os Sindicatos como inimigo e que os meios de comunicação que detém, os grandes meios de comunicação social, não só apagam os sindicatos, como procuram denegrir o seu papel e o dos seus dirigentes. É claro que não faz isso com todos, mas a CGTP-IN, a FENPROF e o SPM provam desse veneno, que, no entanto, em vez de nos matar, é tónico que nos dá mais força.

Evidentemente que os sindicatos não se podem colocar fora de nenhum tema em debate na sociedade e sobre todos eles deverão criar condições para que o debate surja e se aprofunde, mas se em relação a alguns – o ambiente, ou outros –, sem dificuldade, pode tomar posição, sobre outros, em relação aos quais muitos de nós temos posições definidas, o movimento sindical deverá ajudar na reflexão e na tomada de posição, mas poderá não ter de tomar uma posição enquanto organização. Falo de temas como a eutanásia ou a adoção de crianças por casais do mesmo género, só para dar dois exemplos de temas fraturantes.

Voltando à ética, contudo, o debate sobre este tema é o debate do dia a dia e não se trata de uma questão de ordem académica, ou exclusivamente académica, mas que está presente todos os dias no nosso exercício profissional.

Ética é ter princípios e ser rigoroso; é nunca trair expectativas; é não ceder perante as dificuldades, disse-se aqui. Ética é lutar pela valorização da profissão e por uma Escola Pública de qualidade, inclusiva e para todos. Ética é não fechar os olhos aos problemas, como fez aqui ontem o senhor secretário regional da educação, quando afirmou que na RAM o problema da

precariedade estava resolvido, pois não havia professores contratados com 4 ou mais anos de serviço. Isto não é verdade!

Não é verdade e, como vocês sabem melhor do que ninguém, esse não é o único problema dos professores, das escolas e do sistema educativo regional.

Reparemos nos objetivos reivindicativos que a FENPROF elegeu como prioritários para o presente ano letivo:

- Combate efetivo e determinado à precariedade;
- Medidas que dêem resposta ao desgaste que se abate sobre os profissionais docentes, como sejam a reorganização dos horários de trabalho e a eliminação da carga burocrática;
- Aprovação de um regime especial de aposentação que seja justo e inverta o rumo de envelhecimento da profissão;
- Descongelamento das carreiras em janeiro de 2018, resolução dos problemas que persistem e recuperação do tempo de serviço perdido;
- Mais democracia para as escolas, desde logo ao nível da sua gestão;
- Rejeição liminar de qualquer processo de municipalização da Educação.

Em que é que estes objetivos reivindicativos divergem dos que os professores da RAM também perseguem? Em nada.

Pode, então, perguntar-se: sendo esses os objetivos fixados para o ano em curso, só agora, a um mês do final do ano, decidiu exigir respostas no sentido da resolução de problemas tão complexos? Não. Veja-se:

- Logo em setembro, lançámos a **Petição** sobre os aspetos de ordem socioprofissional, tendo a mesma sido agora debatida no plenário da AR;
- Em 7 de dezembro, realizámos o **Encontro Nacional de Representantes das Escolas** que marcou o regresso dos professores à rua, desfilando entre a Cidade Universitária e o ME;
- No início do 2.º período lançámos a **Campanha em defesa da gestão democrática**, que contou com muitas iniciativas, desde a realização de Conferência de Imprensa, à resposta a um questionário dirigido aos professores, e a reuniões nas escolas e com representantes da comunidade educativa;
- Ainda no segundo período, avançámos com o inquérito sobre os **horários de trabalho**, cujos resultados foram bem divulgados publicamente em Conferência de Imprensa e entregues no ME;

- Também no segundo período, recolhemos nas escolas os **postais sobre a aposentação**;
- Em 18 de abril de 2017, promovemos o **Cordão Humano** que se deslocou do ME à Residência Oficial do Primeiro-Ministro;
- Em 17 de maio, promovemos o **Dia Nacional de Luta** que passou pela Concentração junto ao ME e por deslocação à Assembleia da República. Neste âmbito foram aprovadas centenas de Moções pelas escolas;

Nunca virámos costas ao diálogo. Para além das indispensáveis reuniões negociais, sobre concursos e, agora, permutas, reunimos algumas vezes com os secretários de Estado, para aspetos concretos, e com o Ministro da Educação, em 25 de novembro de 2016 e 5 de abril de 2017.

As reuniões politicamente mais importantes foram estas, com o Ministro. Delas saímos sempre com poucas respostas. Os problemas que constavam no Dossiê entregue em julho de 2016 estão, quase todos, por resolver. O compromisso com os Professores que propusemos em novembro e formalizámos, de maneira mais clara, em abril, não mereceu resposta. O Ministro, como os secretários de Estado, nunca conseguiram dizer que os problemas suscitados não eram problemas, reconhecendo a importância que teria a resolução de alguns, mas limitaram-se a afirmar que não era da sua responsabilidade dar-lhes solução. Exemplos:

O Ministro da Educação não aceita assumir qualquer compromisso. No entanto, na Saúde, depois de 2 dias de greve dos médicos, o Ministro do setor veio, ele mesmo, propor um compromisso para a Legislatura. Estaremos, aqui, perante uma questão de peso político, de falta dele, ou, o que distingue as duas situações é o nível da luta em curso? Seja como for, não aceitamos este tratamento diferente e tudo faremos contra isso, lutando.

Dissemos ao Ministro que, tendo nós reunião do Secretariado Nacional da FENPROF em 31 de Maio e 1 de junho, pretendemos ter uma reunião com ele para apurar disponibilidades e verificar o nível de compromisso, até dia 26 de Maio. Há dias, quando entregámos os postais, a adjunta do Ministro vinha mandatada para nos dizer que antes da semana de 5 a 9 de junho o governante não tinha agenda para receber a FENPROF. Sabemos o que isso significa: 1) não responder até 26; 2) nada termos nas datas do SN e ficarmos suspensos sobre algo que ainda acontecerá; 3) por piores que sejam as respostas a dar na reunião, pelo ministro, inviabilizar qualquer forma de luta, tendo em conta, depois, o muito adiantado do ano letivo. Em suma, esta “indisponibilidade” tem um objetivo: inviabilizar a luta dos professores, o que não podemos aceitar.

Por que razão lutar agora? Para demitir o Governo? Para picar o ponto ou para apontar o dedo aos que não lutam e nos acusam de nada fazer? Nada disso. A questão é fazermos ver ao Governo que as coisas não podem continuar assim, sem que os problemas se resolvam, sem respostas, sem compromissos, sem nada! Se não lutamos, agora, neste momento decisivo para a resolução dos problemas (o Manuel Carvalho da Silva lembrava a importância deste

momento, ontem, aqui), bem podemos meter a viola no saco. Tem riscos a luta? Tem sempre! Mas se não os correremos também nada ganharemos.

Parece impossível a obtenção de resultados com a nossa luta? Sobre essa impossibilidade, afirmava o Arménio Carlos, também neste Congresso, que as coisas só são impossíveis até se conseguirem...

Como afirmou o Presidente do Conselho Nacional da FENPROF, João Cunha Serra, “Professor e luta são indissociáveis. A FENPROF e os seus sindicatos vivem para organizar a luta”. Devemos fazê-lo e se as dificuldades surgirem, compete-nos, enquanto sindicalistas, ir ao combate da mobilização. Como disse o Carvalho da Silva, e assim concluiu, há que “forçar, forçar, forçar a ação!”, e não podemos agora, a meio da Legislatura, perder a oportunidade de lutar.

A luta é inevitável colegas, pois, como dizia Che Guevara, e muito bem, “Sonha e serás livre de espírito. Luta e serás livre na vida”. Lutaremos!

Viva o SPM e o seu 12.º Congresso!